

GRACE REILLY

Virando o jogo



Rocco:
DIGITAL

GRACE REILLY

Virando
o jogo

Tradução de
Laura Folgueira

Rocco
DIGITAL

Para Anna, cujo apoio tornou este livro possível.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Nota da autora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Posfácio

Créditos

A Autora

Índice

NOTA DA AUTORA

APESAR DE TER TENTADO ser fiel à realidade do futebol americano universitário e de esportes universitários em geral, ao longo deste livro, sempre que possível, haverá imprecisões, tanto intencionais quanto não intencionais. Aos colegas fãs do esporte: espero que curtam!

Por favor, acessem meu site para ver todos os avisos de conteúdo deste livro:

www.grace-reilly.com

JAMES



MAL CHEGUEI NO CAMPUS quando meu celular começa a tocar.

Os babacas dos meus irmãos mais novos colocaram toques personalizados, então, sempre que um deles liga, toca uma música antiga de Britney Spears. Não tenho nada contra a Britney, lógico, a mulher é uma deusa, mas não tem nada em “... Baby One More Time” que transmita “*quarterback* número um no ranking universitário do país”.

Aqueles escrotos sabem que eu não sei mudar de volta para um toque normal. Posso ter vinte e um anos e ter crescido grudado no celular que nem todo mundo, mas tecnologia nunca foi meu forte. E prefiro me estrangular com meu suporte atlético a pedir ajuda para qualquer um dos dois.

E, tá bom, talvez eu curta. Só um pouco. Saio do carro e cantarolo junto enquanto atendo, grato por não ter ninguém por perto. Não tem como o novo *quarterback* da Universidade McKee passar uma primeira impressão de amante do pop dos anos 2000. Tenho uma reputação que construí na Universidade do Estado da Louisiana, a LSU, para manter.

A voz de Cooper enche meus ouvidos, rude e impaciente como sempre, enquanto caminho na direção do prédio administrativo.

— Já chegou?

— Ainda não estou perto da casa. Preciso falar com a reitora primeiro, lembra?

Ele faz um som agonizante que lembra um animal morrendo.

— Mano. A gente tá esperando há um século. Se não se apressar, vou pegar a suíte principal.

— E se eu quiser a suíte principal? — Escuto meu outro irmão mais novo, Sebastian, dizer no fundo.

— Tem que ser do cara que trepa mais, Sebby — diz Coop. — Você nunca traz mulher para casa, e o James jurou não comer mais B até entrar na liga, então só sobrou eu.

— Idade é mais importante que status de pegador — informo a ele.

— Você nem é tão mais velho.

— Nossos pais não tinham televisão — digo, sorrindo, apesar de Cooper não conseguir me ver. Gostamos de brincar que poderíamos ser de uma típica família irlandesa, porque temos apenas dois anos de diferença de idade, nosso sobrenome é Callahan e somos superpróximos, então é uma piada que ficou. (Se bem que nunca na frente da nossa mãe, que é capaz de fazer testículos encolherem com um único olhar.) — Certo, irmãozinho?

Abro a porta com um puxão, estampando um sorriso para a recepcionista. Na linha, Coop e Seb continuam batendo boca. Sei muito bem que meu sorriso faz calcinhas derreterem, e esta vez não é exceção. Vejo o momento em que a garota — uma funcionária estudante — desvia o olhar do meu rosto para minha virilha.

— Ei, tenho que ir. Vejo vocês já, já.

Desligo antes de Cooper tentar continuar a conversa. Sei que, apesar da ameaça, ele não vai fazer uma coisa daquelas sem falar comigo antes. E talvez eu o deixe pegar o quarto — ele tem razão sobre eu não estar interessado em deixar garotas entrarem na minha vida no momento. Não se quiser vencer o campeonato nacional e ser recrutado para a NFL na primeira rodada.

— Oi — diz a garota. — Posso ajudar?

— Tenho um horário marcado com a reitora Lionetti.

Ela se debruça sobre a agenda de uma forma bem óbvia que me permite ver a curva dos seus peitos. E ela tem mesmo seios maravilhosos. Talvez, em outro universo, eu a convidasse para tomar uma cerveja. Ficasse com ela. Faz séculos que não vejo peitos, que dirá brincar com eles. Mas seria a própria definição de distração, principalmente se ela acabasse transformando tudo em drama.

Sem distrações. Não vim à McKee por nenhum outro motivo que não pôr em ordem a minha vida no futebol americano de novo... e tá bem, sim, tirar meu diploma. E é por isso que estou no Escritório da Reitoria Acadêmica em vez de no meu novo campo, analisando o território.

— Nome? — pergunta ela.

— James Callahan.

Os olhos dela se arregalam em reconhecimento. Talvez seja fã de NFL e pense primeiro no meu pai. Ou talvez tenha lido algo sobre minha transferência de universidade. De qualquer jeito, parece pronta para sentar em mim como se eu fosse uma cadeira.

— Hum, pode entrar. Ela sabe que você vem.

— Valeu.

Resisto orgulhosamente ao impulso de piscar para ela. Se eu fizer isso, ela vai me encontrar de algum jeito no campus e insistir que somos almas gêmeas.

Caminho pelo corredor até a sala da reitora Lionetti, avaliando o ambiente. Não consigo evitar: noto tudo. Estou acostumado a absorver a linha defensiva do time adversário, procurando mudanças sutis nas *play calling*, descobrindo onde vão tentar destruir nosso passe ou nossa corrida.

A reitora Lionetti tem um espaço bem bacana. Há uma mesa chique de madeira escura e atrás um armário de vidro cheio de prêmios. Os livros ocupam uma parede inteira, e duas poltronas de veludo ficam na frente da parte mais longa da mesa em L. Atrás dela, senta-se a reitora. Seu cabelo grisalho deve ser natural, para na altura do queixo, em um corte chanel sério. Os olhos também são acinzentados, e o terninho estilo anos 1980? Isso mesmo, cinza. Ao me ver, ela levanta e estende a mão para me cumprimentar.

— Sr. Callahan.

— Oi — digo, estremecendo por dentro.

Não é que eu busque isso, mas em geral as pessoas — principalmente mulheres — são um pouco mais calorosas ao me conhecerem. Minha mãe chama isso de charme Callahan, e é infalível... exceto agora. A reitora Lionetti me encara como se não conseguisse acreditar que estou na sala dela. Deve ser imune a covinhas, porque seu olhar, quando me sento, fica mais afiado.

— Obrigada por vir conversar tão em cima da hora — diz ela. — Tenho algumas atualizações sobre suas aulas neste semestre.

— Algum problema?

Só tenho mais algumas disciplinas obrigatórias para fazer no último ano. Minha linha de estudos é matemática, então, a maioria das aulas que faço lida só com números, mas tenho espaço para uma ou duas eletivas. Neste semestre, me inscrevi em biologia marinha, que parece ser fácil e não envolve escrever artigos, o que me deixa grato para caralho. Segundo Seb, o professor tem um milhão de anos e passa a maior parte da aula mostrando documentários da National Geographic.

A reitora Lionetti levanta uma sobrancelha grisalha.

— Tem uma questão com sua aula de escrita.

Putá que pariu. Tenho muitos arrependimentos em relação ao último ano, e ter largado mão dos estudos é um dos maiores. Sou péssimo com as palavras, mas mesmo assim é ridículo eu ter reprovado uma disciplina de escrita no terceiro ano, sendo que era para eu ter feito e passado no primeiro.

— Achei que tudo tivesse sido transferido.

— A princípio, sim. Mas, quando revisamos seu histórico com mais atenção, eles revelaram que você reprovou no curso obrigatório de escrita da primeira vez. Talvez na sua antiga universidade eles fizessem concessões para atletas — ela diz *atletas* como se todos fôssemos uma doença fúngica —, mas, aqui, exigimos o mesmo padrão acadêmico de todos. O professor fez a gentileza de abrir uma vaga na turma dele, e você vai refazer a disciplina neste semestre, já que ela é oferecida no outono.

Sinto aquela turma de biologia marinha ficando mais distante a cada segundo. O tom da reitora Lionetti deixa claro que ela me acha mais burro que um saco de pedras. Provavelmente pensa isso de todos os atletas. O que é uma puta palhaçada. O que aconteceu no outono passado foi uma exceção; eu me esforcei muito pelo meu diploma. Como meu pai gosta muito de nos lembrar, nossa carreira atlética tem prazo de validade. Mesmo que eu tenha uma carreira de sucesso na NFL — e pretendo ter —, a maior parte da minha vida vai acontecer depois de eu me aposentar.

— Entendo — falo entre dentes.

— Já atualizei seu cronograma, e a disciplina vai entrar no horário da eletiva. Se tiver alguma pergunta, é só entrar em contato com meu escritório ou com a secretaria.

Ela levanta. Está me dispensando sem discussão.

Engulo a vergonha, apesar de minhas orelhas estarem quentes.

Bem-vindo à Universidade McKee.

Respiro fundo e lembro por que estou aqui. Diploma, depois NFL.

Só preciso achar um jeito de passar nessa disciplina antes.



Quando chego à casa, Seb está sentado de pernas cruzadas no chão, desemaranhando um monte de cabos. Aceno para ele enquanto largo as chaves na mesa do hall de entrada, aí olho para a sala. Tirando Seb e sua bagunça, ainda não tem muita coisa rolando, só um sofá de couro em L, uma mesa de centro e uma TV montada na parede. Quando decidimos alugar esta casa por um ano, já que nós três estaríamos na mesma faculdade, o anúncio dizia que não era mobiliada. Tenho uma suspeita de quem arranjou aquela mobília.

— Sandra mandou tudo — diz Seb, gesticulando pela sala com os cabos.

— Os caras da entrega montaram assim, mas, se precisarmos, podemos mudar de lugar.

Minha mãe é assustadoramente rápida. Com certeza, no segundo que ficou sabendo que seus meninos — os dois que pariu e o que adotou — iam

morar juntos, foi à Pottery Barn. Ainda bem que ela tem bom gosto.

Ouçõ o som de algo quebrando vindo lá de cima, e ambos levantamos o olhar franzindo o cenho.

— Ele está redecorando um pouco — explica Seb. — Como foi a reunião?

Entro na cozinha. Duvido que a geladeira já tenha sido abastecida, mas torço para pelo menos ter cerveja. Eu não bebo muito durante a temporada, mas tecnicamente ainda temos alguns dias antes de tudo começar para valer. E eis que há um engradado de seis em uma das prateleiras, ao lado de um potinho com abacaxi e uma caixa de ovos, além de, por algum motivo, um vidrinho de raiz-forte.

Seb aparece na porta enquanto bato na tampa para soltá-la da garrafa. Ela sai com um *pop*. Dou um golão e devo transparecer quanto estou puto, porque Seb franze as sobrancelhas.

— O que rolou?

— A reitora resolveu me foder, foi isso que rolou. Está me obrigando a refazer aquela aula de escrita.

— Parece uma idiotice.

— E é mesmo — resmungo. — Mas eles olharam meu histórico e viram que reprovei na LSU. Na época que...

— É — interrompe Seb. — Eu sei.

Uma pontada de mágoa me perpassa. O ano passado foi um desastre por vários motivos, mas, mesmo assim, tenho saudade da Sara. Dou mais um gole na cerveja, olhando o cômodo. Há uma mesa de jantar bem grande, que me lembra da nossa casa em Port Washington, e a cozinha não é ruim. Tem bastante espaço para cozinhar algumas refeições sugeridas pelos treinadores. A porta dá para o quintal, onde há uma lareira externa e algumas cadeiras pavão em volta. E, depois de Seb montar a sala de estar, vamos poder jogar uns jogos de videogame maneiros.

— É bacana aqui — comento.

— É — concorda ele. — E aí, o que você disse pra reitora?

— Bom, não dava pra discutir. Eu reprovei mesmo.

— Mas é seu último ano. Você veio pra jogar.

— E me formar.

Seb suspira.

— É. Tem isso.

Meus pais apoiam muito minhas ambições no futebol americano, em parte porque meu pai também jogava. Ele sabe mais que ninguém quão difícil é. No início, era sonho dele que um de seus meninos seguisse seus passos, mas já faz tempo que isso virou um sonho meu também. Sem uma chance de jogar na liga, minha vida estaria incompleta. Fim de papo. Só que nos ensinaram que a educação também é importante, então, por mais que eu esteja concentrado no futebol americano, sei que preciso pegar meu diploma. Por mais talentoso que Cooper seja em hóquei, nosso pai nem deixou que ele entrasse no *draft* da NHL por ter medo de que ele abandonasse a faculdade em troca da liga e nunca se formasse. Seguindo os desejos do pai dele, Seb foi convocado para praticar beisebol ainda no ensino médio, mas está comprometido a jogar todos os quatro anos aqui na McKee antes de traçar seu caminho profissional na MLB.

— Você não pode pedir para o seu novo técnico intervir? Ele praticamente te roubou da LSU, ele quer você aqui.

— E ser o atleta mimado que a reitora acha que eu sou?

Seb dá de ombros e passa os dedos pelo cabelo loiro cheio.

— Talvez desta vez você não reprove. Talvez seja mais fácil. Ou você saiba mais, já que faz um tempo que está cursando matérias universitárias. — Ele faz uma careta quando ouvimos outro barulho lá em cima. — E sempre tem o Cooper.

— O Cooper é insuportável. Da última vez que pedi ajuda nos estudos, quase esfaqueei ele.

— Com uma caneta.

— Eu tinha meus motivos. Foi uma tentativa de facada, e não me arrependo.

Seb suspira.

— Bom, de repente outra pessoa pode te dar aula particular. Você não pode reprovar mais.

— Não. — Termina a cerveja em alguns goles e deixo a garrafa na pia.

O pânico que ando sentindo desde a reunião com a reitora está ameaçando voltar. Não sou bom em escrita. Nunca fui. Uma pedra tão grande no meu caminho, no ano que devia me catapultar a uma posição de *quarterback* titular, é quase tão ruim quanto uma lesão. E com uma lesão eu ainda conseguiria jogar. Daria para aguentar a dor até o fim da temporada. Mas isso? Está fora da minha zona de conforto.

Coop entra na cozinha suado, secando o rosto com a camiseta.

— Finalmente montei a porra da escrivadinha. Só levou quatro horas.

— Ah, olha só pra você — diz Seb, com doçura. — Derrotado por uma escrivadinha de merda.

Coop mostra o dedo do meio a Seb sem hesitar.

— Então, tenho uma proposta — diz ele.

Ele para ao ver nossas expressões. O que quer que esteja pensando provavelmente envolve uma festa, e não sei se tenho energia para isso agora.

Em vez de começar seu discurso, Coop semicerra os olhos.

— Tá, com quem vamos brigar?

BEX



UM DOS BENEFÍCIOS DE estar no último ano da faculdade é poder escolher as acomodações, que é como eu e a Laura conseguimos este apartamento sensacional de dois quartos. Uma pequena cozinha, área de estar, banheiro privativo, quartos que não são armários... é quase o suficiente para fazer uma garota esquecer que, quando o ano acabar, ela vai voltar a morar em cima da lanchonete da família e passar os dias chafurdando no inferno dos pequenos negócios.

Sou eu. Eu sou a garota.

Mas, no momento, estou no sofá, com o braço pendurado chegando quase até o chão, as sandálias perigando cair. Meu expediente no Purple Kettle, o café do campus, terminou há um tempinho; depois de ficar de pé para a debandada de estudantes que voltou para o semestre, a postos para muni-los com lattes e cold brews, estou moída. Preferiria estar na cama, mas Laura insistiu em um desfile de moda. Aparentemente, a iluminação é melhor na sala.

— Ah, e comprei esse minivestido fofo — diz ela do quarto. — Estava pensando em usar hoje.

— O que tem hoje?

Já meio que sei a resposta, porque só pode ser uma festa, mas a questão é onde. Uma república de meninos? De meninas? Mista? Uma casa fora do campus que, de qualquer jeito, é lotada de caras de república?

— Uma festa! — grita Laura ao sair do quarto. Está com um salto alto que destaca suas pernas bronzeadas à perfeição, e o vestidinho preto se molda a suas curvas como fita adesiva. Por algum motivo, ela está usando orelhas de diabinho e segurando um pequeno tridente. — E, antes que diga que não vai, você vai.

Às vezes, penso no fato de sermos melhores amigas e... não é que isso me choque, exatamente, mas me deixa reflexiva. Laura é inteligente para cacete, não me entenda mal, mas a faculdade para ela foi uma série de eventos sociais. Quanto a mim, quando não estou me dedicando aos estudos ou no Purple Kettle, estou na lanchonete da família, Abby's Place, gerindo crises e tentando reduzir o caos generalizado. O pai de Laura é um advogado chique e a mãe dela é uma médica igualmente chique, então Laura passou metade do verão na Itália e a outra metade em St. Barths. Eu passei cuidando de um coração partido, discutindo com fornecedores e fazendo bolinhos de batata para os moradores.

Eu a amo, mas nossas vidas são totalmente diferentes. Ela estuda na McKee desde o primeiro ano, e eu vim para cá transferida no terceiro. Dois anos na McKee em vez de na faculdade comunitária da minha cidade é o máximo de tempo que consigo me afastar dos negócios, mais ou menos. E, quanto ao dinheiro, esta é a quantidade máxima de empréstimos que me sinto confortável em pedir, apesar de ainda ser astronômica. Talvez um dia eu faça algo com esse diploma de administração e o portfólio de fotografia que continua crescendo silenciosamente, mas, por enquanto, o plano é o mesmo de sempre. Casa. Lanchonete. Assumir o negócio para que minha mãe possa parar de fingir que está bem o suficiente para administrar sozinha.

Ela não está nem perto disso desde o momento que meu pai saiu das nossas vidas.

— Terra chamando Bex — diz Laura. — Gostou?

Ela está estendendo um vestido, uma coisinha branca brilhante com uma fenda na coxa e um decote profundo.

— Para mim?

— Isso! E fica tranquila, comprei asas de anjo e uma auréola.

— Hum... por quê?

— Porque o tema da festa é Anjos e Demônios — explica ela. — Você não estava escutando?

Esfrego o rosto com a palma da mão.

— Não — admito. — Desculpa. Estou exausta.

Ela curva os ombros.

— Você me disse que queria ter uma vida social mais ativa esse ano.

— Vida social, não um bico como modelo da Victoria's Secret.

Ela revira os olhos.

— Experimenta, vai. Vai ficar lindo em você e seus peitos vão ficar maravilhosos. Todos os garotos vão babar.

Pego o vestido, sabendo de antemão que ela não vai desistir até eu pelo menos experimentar. Tenho um outro vestido branco no armário que vai ter que servir para essa festa.

— E por que eu ia querer isso?

— Porque precisa mostrar a todo mundo que já superou o Darryl! É perfeito. Achar um cara sexy para se esfregar! Ficar bêbada! Só tenta se divertir, Bex, por favor.

Eu falei mesmo para ela, durante uma das nossas muitas chamadas de vídeo ao longo do verão, que queria tentar ter uma vida social antes de essa possibilidade acabar quando eu voltar para casa. Não acho que consigo ter um namorado de novo, mas ela tem razão; eu podia tentar pegar alguém. O verão foi longo e solitário. Suei bastante, mas nunca por razões divertidas.

Nunca fui muito o tipo que gosta de pegação casual, mas há uma primeira vez para tudo, não é?

— Vou experimentar — digo, me levantando.

Ela dá um gritinho e bate palmas.

— Mas não prometo que vou usar. Nem que vou na festa — completo.

Ela só sorri, serena.

— Não esquece a auréola.

Enquanto ponho o vestido no meu quarto — Laura tinha total razão: meus peitos estão maravilhosos —, não consigo afastar a parte de mim, por mais mesquinha que seja, que espera que Darryl apareça lá hoje. Pode ser que Laura esteja certa. Se ele me vir dançando com outro, vai entender que está tudo acabado. Não é como se as outras coisas que tentei estivessem funcionando, apesar de ter sido ele que me traiu.

Como se me escutasse, a tela do meu celular acende. Darryl de novo. Não acredito que, em algum momento, achei que isso fosse fofo. Ou encorajador.

Agora, ele me faz querer arrancar os cabelos.

Você vem hoje, né? Saudades do meu anjo.

Por algum motivo, a parte mais irritante da mensagem é ele saber que vou me vestir de anjo. Eu nunca vou ser o diabo, e talvez isso seja parte do problema. Ele não acredita que terminamos de verdade porque está acostumado a conseguir exatamente o que quer e eu não sou contundente o bastante para enfiar na cabeça dura dele que não somos mais um casal. Só porque ele é um jogador de futebol americano arrogante que acredita que vai se casar com a namorada da faculdade e fazer com que ela vá atrás dele obedientemente a carreira toda, que nem metade dos homens na NFL...

Ponho as asas e me olho no espelho da porta do quarto, franzindo a testa. São ridículas, grandes, fofas e algo que eu normalmente não gostaria de usar na frente de outras pessoas. Pego a auréola e coloco-a também. Por algum motivo, ela completa bem o visual. Talvez com um delineado de gatinho e batom mate para dar uma ousada?

Darryl vai ser atraído para mim que nem mariposa à luz. Mas tomara que outros caras também.

JAMES



PUXO MEU COLARINHO ENQUANTO sigo meus irmãos pela entrada da república. Todas as luzes da casa devem estar acesas, pois a iluminação vaza como se fosse uma abóbora esculpida de Halloween, e juro que consigo sentir a vibração da música sob meus pés. Quando Cooper põe a mão na maçaneta, prestes a abrir a porta, eu o impeço. Respiro fundo enquanto continuo ajustando meu colarinho.

Tive muitos colegas de time ao longo dos anos. É importante começar com o pé direito, especialmente com os líderes de cada grupo de jogadores. Conheci a maioria deles no pequeno campo de treinamento no início do mês, mas foi algo formal. Trabalho. Todos sabiam de onde eu vinha e conheciam minhas conquistas, então, ficou cada um na sua e logo começamos a preparação para a temporada. Mas uma situação social assim? É mais importante. Eles podem seguir minhas chamadas no campo porque querem jogar uma boa partida, mas, para eu realmente os conhecer e ganhar sua confiança, precisamos nos conectar socialmente. Preciso conhecer cada um, tanto como indivíduo quanto em conexão com o time. O que eles estudam? Quem vai comigo para a liga na próxima temporada e quem tem outros planos após a graduação? Quem é novato, quem está se recuperando de uma lesão, quem tem uma parceira cujo nome preciso lembrar? Sei que

consigo provar meu valor para eles no campo, fiz isso a vida toda, mas esse é um momento de vai ou racha. Não vou a muitas festas durante a temporada, então, preciso fazer com que esta valha a pena.

E, no momento, me sinto um babaca de terno.

— Estamos parecendo uns chefões da máfia — observo. — Tem certeza de que esse é o tema?

Se eu entrar lá com um paletó e uma camisa social de seda pretos, com os botões de cima abertos e o cabelo penteado com gel para trás, e todo mundo estiver de shorts e camiseta, vou matar meu irmão. Ele até me convenceu a usar a corrente de ouro que em geral eu só escolho em ocasiões especiais. Meu único consolo é que ele está igualmente ridículo.

Coop passa a mão pelo cabelo e me abre um sorriso. Não faço ideia de como ele lida com essa juba desgrenhada. Ele usa seu status como astro da defesa do time de hóquei da McKee para se safar de praticamente qualquer coisa.

— Você está ótimo, juro. O que é mais diabólico do que um bando de mafiosos assassinos de aluguel?

— Ele não está mentindo — diz Seb enquanto ajusta o relógio pesado no pulso. A velharia parece ter saído direto dos anos 1980. — É temática, como todas as outras festas desta república. É basicamente para fazer as meninas usarem o mínimo de roupa possível.

— E, falando por mim, estou pronto para admirar uma bela vista — diz Coop, dando um tapinha nas costas de Seb. — Podemos entrar? Ou você precisa de mais um momento para ficar aí angustiada?

Eu me endireito.

— Não, vamos.

Quando a porta se abre, uma explosão de som me atinge. Tem gente por todo lado — e, por sorte, todo mundo está com roupas tão idiotas quanto as nossas. Beer pong, uma pista de dança, pôquer com striptease, vários casais se pegando, um ménage começando a se desenrolar no canto... uma festa normal de república.

Um bando de caras que devem ser do time de beisebol acena para Seb, que vai até a partida de beer pong. Uma menina com a menor saia que já vi

na vida fica olhando para Cooper, que não demora a ir, feliz da vida, até a pista atrás dela. Se eu tivesse que apostar, deve ser uma maria-patins que veio à festa torcendo para ficar especificamente com ele. O que me deixa largado na porta, procurando qualquer um que eu conheça do time de futebol americano.

Os pelos da minha nuca se arrepiam quando percebo que tem alguém me observando.

Caralho, ela é bonita. Um anjo vestido de branco, com asas cheias de penas e uma auréola dourada. Está encostada na parede do outro canto, vendo a multidão de dançarinos, com um copo vermelho de plástico na mão delicada. O cabelo loiro-avermelhado cai em ondas em torno do rosto, emoldurando grandes olhos escuros. Os saltos deixam as pernas dela longas e flexíveis. Quase dou um passo adiante, hipnotizado pela forma como ela me olha, mas aí ouço alguém chamar meu nome.

Eu me viro para procurar a fonte da voz e, com o canto do olho, vejo a garota se mover, indo para a pista de dança.

— Callahan — repete a voz.

Agora reconheço, é Bo Sanders, um dos *tackles* ofensivos. Ele também é do último ano e vai para a liga no outono. É tão alto que praticamente paira sobre os outros frequentadores da festa, inclusive eu: tenho um metro e oitenta e oito e, mesmo assim, preciso levantar a cabeça para olhá-lo nos olhos. Porra, não vejo a hora de ele estar destruindo as linhas defensivas dos adversários. Com ele me cobrindo, vou ter tempo para fazer meus passes.

Ao chegar até mim, ele põe uma cerveja na minha mão e me dá um tapinha nas costas.

— Bom te ver, cara.

— Sanders — cumprimento-o, dando um tapinha de volta. — Caramba, hein, está sustentando esse terno melhor do que metade dos caras aqui.

Ele está com um terno vermelho-escuro, incluindo um lenço dobrado no bolso. A cor fica ótima em sua pele marrom-escura.

— É meu look pré-jogo — diz ele. — Horário nobre, baby.

— Que pré-jogo, que nada, você está pronto é pro *draft*. Está todo mundo aí?

— Estamos na sala ao lado jogando pôquer.

Solto um gemido.

— Mas sem strip, espero.

— Até parece que você teria que se preocupar com isso. — Ele praticamente grita enquanto o sigo pela multidão.

A música está vibrando dentro de mim, me desinibindo.

Gostaria de dizer que nem estou notando os olhares que atraímos, mas ainda não cheguei lá. Faz parte do pacote de ser o *quarterback* universitário número um do país, sem falar na boa aparência. Quase todo mundo conhece minha cara e minhas habilidades. E não posso reclamar da atenção feminina. Enquanto passamos nos apertando em meio a um grupo grande, uma garota enfia um pedaço de papel com o que deve ser o telefone dela no cós da minha calça.

Tentador, mas uma parte maior de mim quer voltar à pista, achar aquele anjinho com cabelo loiro-avermelhado e chamá-la para dançar comigo.

— Callahan! — Outra pessoa praticamente ruge quando Sanders me empurra à frente.

Reconheço a maioria dos caras na sala, o que me deixa à vontade. Lá está Mike Jones, nosso *kicker*; Demarius Johnson, um dos melhores *receivers* do esporte universitário; Darryl Lemieux, outro *receiver* importante no meu arsenal; e Jackson Fletch, o novato que vai ser meu *quarterback* reserva.

Não que eu planeje dar a ele um minuto de jogo. Ele pode assumir ano que vem, quando eu estiver na NFL.

Eu me acomodo ao lado de Darryl no sofá. Ele está participando da partida de pôquer, mas não está prestando atenção; está resmungando sobre a namorada. Quer dizer, peraí — seria ex-namorada?

— Não dá pra fazer nada se ela já se cansou da tua cara feia, irmão — diz Sanders, arrancando risadas do restante dos caras.

Concordo: de que adianta ficar sofrendo por alguém que não te quer mais?

Mas Darryl é meu novo companheiro de time, o que significa que estou do lado dele.

— Com certeza ela vai mudar de ideia e perceber o que está perdendo — digo, dando um tapinha no ombro dele. — Nem esquenta a sua cabeça.

Dou um golão na cerveja estupidamente gelada, me deliciando. Mesmo que todo mundo fique doidão, esse é o único copo que vou me permitir hoje.

— Quer saber? — diz Darryl. — Ela que se foda. Ela não é melhor do que nenhuma das outras que eu peguei.

— Ela tem uns peitos lindos — comenta Fletch, um dos defensores.

— Ela era uma metida — declara Darryl. — Sempre ocupada pra caralho. É como se tivesse me deixado sem escolha a não ser procurar em outro lugar.

Escondo meu desgosto atrás de outro gole. Não quero causar problemas, já que sou novo aqui, mas babacas que nem ele me dão nos nervos. Bo encontra meu olhar e balança a cabeça de leve.

Tá, então tem algo mais profundo rolando aqui. Entendo como dica para mudar de assunto.

— Alguém vai me dar as cartas? — pergunto.

Darryl pega o deck e embaralha de qualquer jeito.

— Ela é uma piranha teimosa, Fletch. Você não quer se meter com essa porra.

Merda. Lá vamos nós.

— Ei — digo. A pontada de seriedade em meu tom deve ser evidente, porque Fletch congela indo pegar a cerveja e Demarius levanta os olhos do celular. — Não sei como eram as coisas aqui antes de mim, mas, no meu time, a gente respeita as mulheres.

Darryl abre a boca. Ergo a mão para interromper qualquer escrotice que ele queira dizer.

— Mesmo que ela seja sua ex e você ache que ela vacilou com você. — Encaro-o bem nos olhos. — Entendeu?

Darryl olha de relance para o grupo, revirando os olhos.

— Entendi o quê, exatamente?

— Precisa que eu repita? — Coloco minha cerveja na mesa, deliberadamente devagar, e me recosto no sofá. — Acho bom você saber que

eu não gosto de falar a mesma coisa duas vezes.

Darryl se levanta. Está com os ombros tensos e a cara vermelha de raiva. No campo, vou ter que ficar de olho para nossos adversários não o fazerem morder a isca com a provocação errada. Com esse temperamento, ele vai atrair faltas.

— Se você tem algo para me falar, fala na cara. Não fica pisando em ovos, Callahan, não é bonitinho.

Fico de pé também. Talvez seja idiota, mas fico feliz por ter pelo menos cinco centímetros a mais que o cara. Chego bem perto, até estarmos quase nos tocando.

— Tá bom. Se você chamar uma garota, qualquer garota, de algo como “piranha” mais uma vez, vou acabar com você.

Ele desdenha:

— Até parece que você vai sair na mão comigo.

— Eu não vou sair na mão. — Olho para nossos companheiros de time, que estão hipnotizados, presos em cada palavra desta interação como se fôssemos dois pesos-pesados da WWE sob o holofote. — Mas não vou passar a bola para você.

A ameaça praticamente ecoa pela sala. Lógico que eu não vou dar um soco no cara, mesmo que ele mereça. Mas se eu o tornar invisível no campo? É pior do que ficar na reserva. Darryl sabe, eu sei e todos os homens desta sala sabem.

— Ah, caralho — diz Demarius. — Ele está falando sério.

— Você não pode fazer isso — argumenta Darryl. — Eu sou um dos melhores *receivers* do time. Você precisa de mim.

— Você acha que eu não posso? — Inclino a cabeça para o lado. — Por que acha que o técnico me recrutou? Para ser um bom soldadinho ou para ser uma porra de um líder?

Darryl fecha a boca.

Olho para os outros caras.

— O que vocês acham? Por que estou passando meu último ano aqui?

— Para ganhar a porra do campeonato nacional para a gente — responde Bo.

— É — concorda Fletch. — Campeões nacionais ou nada.

Estalo os dedos ao apontar para ele.

— Exato. E, se vocês quiserem isso, vão jogar com as minhas regras. Beleza?

Minha exigência fica pairando no ar por um bom tempo. Escuto a música em segundo plano, seu ritmo pulsando contra as paredes. Esse é o momento de vai ou racha. Não é o que eu esperava, mas aqui está ele e, se eu não convencer os caras agora, esta temporada vai ser um inferno.

Aí, Bo diz:

— Pode crer, porra.

E logo todo mundo está assentindo e concordando. Alguém segura meu ombro, mas não tiro os olhos de Darryl, que está com cara de quem queria poder me meter a porrada.

— Beleza — diz ele, por fim.

Ele passa por mim me dando um encontrão de ombro e sai da sala.

Caramba, tenho dó da menina que teve o azar de namorar esse cara.

BEX



FICO PARADA EM UM canto, vendo Laura dançar com o namorado, Barry. Eles estão na fase de lua de mel de novo, depois de quase terminarem de novo, e, sinceramente, tem uma possibilidade real de rolar uma esfregação na frente de metade da festa. No momento, eles já estão se pegando como se não conseguissem enxergar os outros dançarinos, o jogo animado de beer pong do outro lado da pista ou o strip pôquer rolando na sala ao lado.

Estou a três segundos de arrancar minha auréola idiota e me mandar para a noite úmida de agosto.

Darryl chegou há um tempinho, acompanhado de metade do time de futebol americano da McKee. Ele não me viu; por sorte, eu estava no canto, conversando com algumas garotas com quem fiz amizade através de Laura. Mas, apesar de ele ter ido mais para dentro da casa, para um dos cômodos lotados, consigo sentir a presença dele.

Ano passado, sentir a proximidade de Darryl, mesmo quando não estávamos realmente próximos, era uma das melhores partes do namoro. Eu podia olhar para o outro lado do cômodo e encontrar seus olhos em mim, mesmo quando ele conversava com os amigos. Sempre que eu ia a um dos jogos, tinha um momento em que ele olhava para as arquibancadas, dava um jeito de me achar e piscava.

Sua atenção costumava incendiar minha pele de um jeito bom. Agora? Minha pele continua pegando fogo, mas de irritação e vergonha.

Eu não devia ter vindo hoje.

Não sei o que é pior: temer o momento em que ele, doidão, vai tentar me convencer na lúbia a transar, ou vê-lo aceitar os flertes de alguma caloura maria-chuteira candidata à alguma sororidade. Sei melhor que ninguém o fraco que Darryl tem por uma garota que jura ser sua maior fã.

Do outro lado da sala, a porta da frente se abre e entram três caras de terno preto. Dois têm cabelo escuro; o terceiro é loiro. O último segue direto para a festa e logo um dos morenos, o que tem barba e um sorriso malicioso, vai para a pista com uma garota. Sobra o terceiro cara. O que chamou minha atenção. Ao contrário do que estou supondo que seja seu irmão, ele não tem barba. Não consigo parar de olhar o maxilar perfeito e o cabelo grosso caindo em cachos pela testa. Ele é alto e obviamente forte, e a forma como olha ao redor... é como se notasse cada detalhe.

Incluindo eu.

Engulo em seco, tentando agir casualmente, ao sentir seu olhar em mim. E aí Bo Sanders, um dos companheiros de equipe de Darryl, cumprimenta ele. O cara é do futebol americano, então? Deve ser novo, já que não o reconheço e passei muito tempo com o time na última temporada.

Viro o resto da minha cerveja quente e vou para a pista. Alguém pisa no meu pé, o que me faz esbarrar em Laura. Ela dá uma risadinha e me agarra em um abraço apertado.

— Bex! Você não está se divertindo pra caramba?!

Barry enfia outra bebida nas minhas mãos.

— Esta aqui está gelada! — grita ele, sem necessidade.

A cerveja está menos morna, ainda bem, então, tomo um gole. Laura me dá um beijo na bochecha, ainda me abraçando, nos girando em um círculo. Sinto o perfume de flor de laranjeira que ela sempre usa, além da cerveja em seu hálito.

— Ei — digo. — Vou meter o pé.

Os lábios dela, de algum jeito ainda perfeitamente pretos com o batom mate, se curvam em um bico.

— Quê? Não! Acabou de começar!

— O Darryl está aqui.

— O Darryl? — repete ela, alto. — Onde?

Meu estômago se revira. Eu a afasto da pista para as sombras.

— Para com isso, você vai acabar invocando ele — digo.

Ela finca o pé e se recusa a dar mais um passo. Apesar de estar no brilho, ela me olha de um jeito bem perspicaz.

— Bex, tá tudo bem. Não fica pisando em ovos perto dele, mostra que você tá bem.

Minha voz falha ao responder:

— Mas e se eu não estiver?

Laura deve perceber a dor em minhas palavras, porque lança um olhar de desculpas para Barry e me arrasta para longe. Subimos, passando por alguns casais em estágios variados de pegação, e paramos na frente de uma das portas. Laura bate. Alguém grita para irmos embora, mas ela só força a maçaneta até a porta se abrir, revelando um cara sem camisa puxando a calça e uma garota ajustando o vestido aberto nas costas e sem sutiã.

— Qual é a sua? — guincha a menina.

— Vaza! — manda Laura, com tanta ferocidade que eles não discutem.

Ela me puxa lá para dentro e me faz sentar na beirada da banheira, trancando a porta e se apoiando nela. Sopra o cabelo para longe dos olhos e respira fundo.

— Você quer voltar com ele? — pergunta.

— Não — respondo imediatamente.

— Você ainda ama ele?

— Deus me livre, não.

— Que bom. Porque ele é um escroto. E pegou aquelas marias-chuteiras aleatórias.

Faço uma careta. Na primavera passada, encontrei aquelas trocas de mensagens sexuais e fui descobrindo as traições dele, o último golpe em um relacionamento que degradingolava rapidamente. Conheci Darryl em uma festa igual a esta no meu primeiro semestre na McKee, e a perspectiva de ter um namorado de verdade pela primeira vez desde o ensino médio foi

tentadora demais para resistir. Durante a temporada de futebol americano era fácil estar com ele, que ficava tão ocupado que não se importava de eu também estar, desde que eu fosse a todos os jogos em casa. Mas, depois de a temporada implodir e o semestre de primavera avançar, Darryl ficou grudento, superprotetor e sinceramente irritante — ao mesmo tempo em que me traía com algumas fãs.

Apesar de eu deixar claro que queria terminar, ele passou o verão inteiro me mandando mensagens e ligando como se achasse que tinha chance de eu mudar de ideia. Darryl Lemieux não está acostumado a ouvir não, especialmente de mulheres.

Agora, toda a distância que construí ao longo do verão, com ele na casa de sua família em Massachusetts e eu ainda em Nova York, desaparecia em uma noite, em uma única festa meia-boca.

— Eu sei — digo. — Eu não... Só estou com receio, sabe? Ele vai tentar voltar comigo e, quando perceber que não posso fazer isso, vai agir que nem um bebê. Foi o que ele fez durante todo o nosso relacionamento. Se alguém não dá o que ele quer, ele reclama. É como se achasse que, só porque consegue pegar uma porcaria de bola, é tipo um deus.

Laura senta-se ao meu lado na beirada da banheira. Olha para trás e faz careta.

— Aff. Alguém precisa limpar esse banheiro, está nojento. Mas aquele é um belo chuveiro.

Dou uma risada fraca.

— Não está se arrependendo de morar comigo e não aqui, né?

— De jeito nenhum. Até parece que eu ia preferir ter que proteger minha chapinha de abutres a morar com a minha melhor amiga.

Junto nossos ombros com uma batidinha.

— Vou para casa. Divirta-se com o Barry.

Ela franze a testa.

— Tem certeza de que quer pegar um táxi sozinha para voltar? Vai ficar caro.

— Eu dou um jeito — digo, apesar de estar xingando por dentro, porque ela tem razão. Um táxi na bandeira dois, mesmo que seja só para voltar aos

alojamentos, a cerca de quinze minutos, vai custar basicamente tudo que ganhei hoje. Na vinda eu tive a sorte de aproveitar a carona na corrida que Barry pagou.

— Tá bom — responde ela, me puxando para um abraço. — Mas me liga quando chegar. E de repente sai pelos fundos.

Dou um beijo na bochecha dela e me desvencilho. Abrindo caminho pela galera, vou para o cômodo dos fundos, onde há uma saída para o pátio.

— Bex.

Que nem uma idiota, eu me viro — e quase dou de cara com Darryl.

— Oi — diz ele, me parando com as mãos em meus ombros. Ele me aperta antes de dar um passo para trás. — Finalmente. Achei que talvez você não fosse aparecer. Tá bebendo o quê, gata?

Fecho os olhos brevemente. Sinto a vontade de fugir tomando conta de mim, mas me forço a ficar parada.

— Eu...

— Já sei — diz ele, estalando os dedos. — Vodca com refrigerante.

Não chegou nem perto: quando eu tomo algo diferente de cerveja ou vinho, em geral é cuba-libre. Tento desviar de Darryl, mas ele envolve minha cintura e passa a mão pelo decote do meu vestido, roçando os dedos na minha pele.

Cerro os dentes.

— Darryl.

— Sabia que você ia mudar de ideia — diz ele. — Você é tão linda, gata. Que bom que veio me ver hoje.

Afasto a mão dele.

— Não vim ver você.

De canto de olho, eu o vejo. O cara de antes. Ele está franzindo a testa. E então ele dá um passo à frente.

— Vim para ver ele, na verdade.

Não sei o que dá na minha cabeça, mas me desvencilho de Darryl e vou até o estranho, estendendo os braços para envolver seu pescoço... e dou um beijo nele.

Na boca.

Cacete, que beijo bom.

Talvez eu o tenha pegado de surpresa, mas ele retribui o beijo rápido, os braços envolvendo minha cintura e me apertando, o corpo quente pressionando o meu. O estranho aprofunda o beijo, a língua passando pela borda dos meus lábios, que abro para ele, deixando-o me beijar até ficar ofegante e com calor. Ele tem um cheiro amadeirado, como se seu perfume tivesse notas de pinho, e as mãos... são tão grandes, e estão tão baixas, quase roçando minha bunda. Depois de parar para respirar por meio segundo, eu o beijo de novo. A intenção é que seja uma despedida. Antes de fugir. Mas ele me aperta mais forte, mergulhando a boca na minha enquanto rouba meu ar.

Esse único beijo — de um estranho — é melhor do que qualquer um que eu tenha dado em Darryl. Ele é ridiculamente bom nisso. É como se beijar fosse seu trabalho. Eu podia passar a noite toda aqui alegremente, oferecendo minha boca à dele.

Ele muda um pouco de posição e se abaixa para murmurar no meu ouvido.

— Como você se chama, meu bem?

O encanto se quebra. Talvez Laura queira que eu seja o tipo de pessoa que consegue lidar com uma ficada casual, mas não sou. Não fui feita para isso. E não vou me permitir ser arrastada para mais um relacionamento fadado ao fracasso, mesmo que seu beijo seja delicioso como o pecado e seu cheiro seja melhor que o da droga de uma floresta. Recuo um passo, me desvencilhando dele. Meu corpo imediatamente lamenta a falta de seu toque. Sinto um calafrio, mesmo nessa casa cheia de gente. A música continua martelando, mas mal consigo escutar.

Dou meia-volta e vou direto para a porta.

— Peraí — ouço o cara dizer ao mesmo tempo que Darryl chama meu nome.

Merda. Que *porra* foi essa que eu acabei de fazer?

BEX



NÃO ACREDITO QUE, de todo mundo que eu poderia ter beijado, escolhi o novo *quarterback* da McKee.

O suposto salvador do nosso programa de futebol americano.

Que joga no time de Darryl.

Merda.

Preciso me levantar e ficar apresentável para a aula, mas não consigo parar de pensar no beijo. Não na expressão horrível de Darryl nem no olhar fixo de metade da festa quando fugi, mas na sensação do beijo. Sempre tive certa vergonha de beijar, em especial na frente dos outros. Mas esse cara... ele fez tudo e todos desaparecerem. A forma como pôs as mãos para me puxar mais para perto, a leve aspereza de seus lábios, a relutância com que se afastou... foi um beijo sobre o qual vale a pena fantasiar. Ponho a mão embaixo do cós dos shorts do pijama, roçando de leve. Talvez se eu for rápida...

Não.

Não posso. Mesmo que não consiga parar de imaginar a boca dele bem no meio das minhas pernas.

Olho meu celular. Tenho tempo.

Mordo o lábio e então deslizo os dedos para baixo. Eles me abrem e seguro um suspiro ofegante quando encosto no clitóris. Circulo-o com a pontinha do dedo. James tinha só um pouquinho de barba por fazer; se colocasse a boca onde estão meus dedos, arranharia deliciosamente minha pele. Será que ele seria delicado? Bruto? Eu posso ter começado o beijo, mas ele assumiu com facilidade. *Quarterbacks* comandam o show todo no campo, certo? Então, na cama...

— Bex! — chama Laura, batendo na minha porta.

Tiro a mão dos shorts rápido. Não posso nem ficar puta com ela, porque é melhor assim. Fantasiar com um cara que beijei por pânico, na frente do meu ex, não traria nada de bom.

De repente, meu rosto queima. Ele pode ter retribuído o beijo, mas depois de alguns dias, com certeza percebeu que sou uma doida. Só posso torcer para não o encontrar sem querer no campus. Que bom que a universidade é grande. Talvez ele não seja de beber café e não passe no Purple Kettle.

— Bex — repete Laura. — Precisamos ir logo se quisermos comer alguma coisa antes da aula.

— Já vou!

Saio da cama e abro a porta do armário com um puxão. Boto um short jeans e uma camiseta desbotada da Abby's Place — é a única coisa que nunca está em falta na lanchonete. Passo um pente no cabelo e encontro minha sandália. Acho que vou ter que pular a maquiagem hoje.

Depois de escovar os dentes e jogar minhas coisas na mochila, saio com Laura. Nosso alojamento tem um refeitório anexo, graças a Deus, então é fácil conseguirmos a primeira caneca de café do dia e uma torrada sem que nós mesmas tenhamos que preparar. É a melhor parte da faculdade e uma das coisas das quais mais vou sentir falta: comida sob demanda. Mesmo que o meu bolinho de batata seja bem melhor.

Depois que ambas pegamos um prato, achamos uma mesa nos fundos. Laura parece bem mais composta do que eu: maquiagem completa, bijuteria combinando. Aposto que ela se levantou para malhar e tudo. E o que eu

estava fazendo? Me masturbando enquanto pensava na barba por fazer de um cara aleatório?

Aff. Acabei de conseguir sair de um relacionamento desgastante e que sugou minha alma. Não posso me permitir distrações desnecessárias neste semestre, não com minha mãe e a lanchonete e todo o restante que está rolando.

— Vai me contar o que aconteceu? — pergunta ela, finalmente.

Levanto a sobrancelha e dou um gole no café.

— Você já sabe.

— Eu sei porque a Mackenzie me contou, mas não é a mesma coisa que *você* me contar.

— Você me mandou ficar com outra pessoa.

— Não com ele!

Passo a mão pelo rosto.

— Sei que foi monumentalmente idiota. Espero que Darryl não tenha pegado no pé dele por causa disso.

Seria a cara do Darryl tentar sair na mão com ele, apesar de *eu* ter beijado o cara — e de isso não ser conta do meu ex, de qualquer jeito. É outro motivo para eu torcer para nunca mais termos que interagir. Eu entraria em combustão espontânea se meu corpo me traísse na frente dele. Sem contar que ele talvez tenha tido que lidar com um Darryl puto, o que significa que não deve estar lá muito feliz *comigo*.

— Você está vermelha. — Laura se inclina à frente, deleitando-se com minha expressão. — Quer dizer que ele beija bem? Ele tem jeito de quem usa o beijo como uma prévia de como vai ser o resto.

— Laura! — guincho.

Olho ao redor, mas, felizmente, não tem ninguém por perto para ouvir.

Ela só sacode a mão segurando a torrada.

— Que foi? Ele é gostoso pra caralho.

Dou uma mordida no meu bagel.

— Foi bom.

— Só bom?

— Muito bom — admito.

Ela suspira.

— Que pena que ele joga com o Darryl. Homens costumam ter regras sobre essas merdas.

— Mas não quero ficar com ele mesmo... — digo. Meu estômago traidor se revira quando penso de novo no beijo. — Não vou me envolver com ninguém agora.

— Então, se ele vier e te chamar para sair, vai dizer não?

— Até parece que ele faria isso.

— Você deu um beijo nele e se mandou. Homem gosta dessa caçada.

— Bom, espero que ele não perca tempo. — Olho meu celular. Vou precisar me apressar se quiser chegar a tempo na aula, já que o prédio fica do outro lado do campus, então me levanto e pego um guardanapo para guardar o resto do meu bagel. — A gente se vê depois.

— Você vai àquela aula de escrita?

Reviro os olhos.

— Infelizmente.

Quando pedi transferência à McKee, alguns dos meus créditos não vieram junto, então ando estudando o dobro para terminar todas as disciplinas obrigatórias e me formar no prazo certo. Essa aula de escrita — uma introdução à escrita universitária — é a mais irritante de todas. E um insulto também — estou me formando em administração, já escrevi um monte de artigos durante minha carreira universitária. Preferiria estar usando meu tempo para me dedicar à fotografia, mas é a vida.

— Você vai conseguir. Me manda por mensagem o que quer fazer no jantar mais tarde — diz ela.

Eu me despeço com um aceno e saio para a manhã. Em termos de clima, ainda é bem mais verão que outono, então, depois de alguns minutos caminhando rápido, o suor começa a se acumular na minha testa e embaixo dos braços. Puxo a mochila mais para cima, alongando os passos quando chego a um dos muitos morros do campus. Ficamos a mais ou menos uma hora de Nova York, então não estamos nas montanhas, mas juro que parece que a McKee terraplanou o lugar para ser especialmente inclinado. Eu não

precisava trazer minha câmera, mas gosto de carregá-la caso fique inspirada, e agora estou arrependida porque ela não para de bater no meu quadril.

Chego faltando um minuto para a aula começar, encontro um lugar nos fundos, pego meu caderno e uma caneta em gel. Essas canetas são meu único luxo estudantil. Algo em tomar notas usando roxo brilhante em vez de só preto torna um pouquinho mais suportável estudar administração, sendo que eu preferiria me formar em artes visuais.

O professor, que, sem surpresa, é um cara branco velho, começa a falar da importância de levar esta aula a sério porque tudo que você faz na faculdade depende dela. Não é um conselho ruim, mas definitivamente é para o pessoal de dezessete e dezoito anos com cara de bebê ao meu redor. Estrutura de artigo? Já sei. A importância de delinear seu trabalho? Já sei em dobro. Avaliação dos pares? Já sei mais ainda. A única coisa que posso dizer sobre esta aula é que vai ser uma nota dez fácil e, considerando as outras cinco disciplinas que estou fazendo para terminar os requisitos obrigatórios, não posso reclamar.

— Vamos olhar com atenção a ementa do curso — diz o professor. — Certifiquem-se de pegar uma cópia.

Alguém senta-se na cadeira ao meu lado. Controlo um suspiro de desprezo. Pobre calourinho. Aposto cinco pratas que o despertador não tocou.

Quem quer que seja tem um cheiro *muito* bom. Lembra pinho.

Levanto a cabeça e meu coração dá uma pequena cambalhota de surpresa.

— Oi — diz a porcária do James Callahan. — Tem uma cópia extra disso aí?

JAMES



— EI, COOP! LEVANTA essa bunda daí se quiser carona!

Continuo batendo na porta enquanto grito. Não faço ideia de como meu irmão consegue ser sempre pontual para o hóquei, mas atrasado para todo o restante. Ele parece um furacão, mas o olho da tempestade sempre é o hóquei.

Seb sai do banheiro no fim do corredor, com uma toalha enrolada na cintura. Solta uma risadinha de desdém ao ver a cena.

— Ainda não levantou?

— Ouviu ele ontem à noite, né? “James, temos aula no mesmo horário, deixa eu ir com você?”

— Aham.

— Caramba. Cooper, não vou me atrasar para a primeira aula dessa disciplina imbecil!

A porta se abre e revela meu irmão, pronto para me escarpelar. A pálpebra dele está até tremendo. Dou um sorriso e digo com doçura:

— Olha aí a Bela Adormecida.

— Eu te odeio.

— Você me ama. Não sei como sobreviveu à faculdade sem mim.

— Quase que ele não conseguiu — observa Seb, o que faz Coop lançar a ele um olhar mortal.

Ele parece estar considerando violência física, então me interponho entre os dois suavemente. Seb pode ter sido adotado depois da morte de seus pais aos onze anos, mas ele e Coop agem como se fossem gêmeos de verdade. O que significa muita porrada.

— Você tem cinco minutos — digo a ele. — Vou esperar no carro.

Quando Coop se retira para o quarto, Seb se dobra de tanto rir, sacudindo gotículas de água por todo lado.

— Já odeia morar com a gente? — pergunta ele.

— Nada, sabe que eu amo vocês dois. Senti saudade quando estava na Louisiana.

Mais ou menos uma semana se passou desde que me mudei — especificamente para a suíte principal, com licença —, e tenho me sentido em casa quando não estou ocupado com os treinos de futebol americano. Sentia falta de morar com meus irmãos. Embora sempre estivéssemos ocupados com nossas agendas de temporada, morar juntos significava que nos víamos pelo menos parte do tempo. Às vezes, isso significava dizer “oi” para Coop quando eu chegava em casa depois do treino e ele estava indo para o ringue ou assistir ao final de um dos jogos de Seb depois de treinar. Tivemos folgas e verões desde o início da faculdade, mas nos últimos anos tenho me sentido mais solitário do que gostaria de admitir. Eu tinha amigos na LSU, bons companheiros de time, mas sempre fui mais próximo da minha família. Dos meus pais, que são pessoas incríveis. De Coop e Seb, mesmo quando estão sendo terríveis. E de Izzy, a melhor irmãzinha que um cara poderia desejar. Poder morar com meus irmãos por um último ano antes de me formar e ir para alguma cidade, sabe-se lá qual, para jogar na NFL, é um presente.

Seb sorri. Ele pode não ser um Callahan de sangue, mas tem um sorriso que se encaixa perfeitamente. Um pouco do charme Callahan.

— Também senti saudade de você. Boa sorte hoje, manda ver na aula.

Faço uma careta ao descer.

— Se eu sobreviver, né?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Virando o Jogo Grace Reilly 241105 201..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).